



**O CANTO
DA LIBERDADE**

INDICE

L. Negrásova	Prefácio
Agostinho Neto	Depressa
Nicolau Spencer	Querem, marcham e querem
Eugénia Neto	No preludio da vitoria
Garcia Bires	Os lobos do vento
Garcia Bires	Aos pioneiros de Angola
António Jacinto	O povo foi na guerra
Pedro Van-Dunem	Juramento
Costa Andrade	14 de abril
Rui de Matos	Procuo um Leão
Helder Neto	Não choraremos pois os mortos!
Costa Andrade	Poema quinto de um canto de acusação
Costa Andrade	Poema sexto de um canto de acusação
Agostinho Neto	Maos esculturais
António Jacinto	Poema de Amor

Desde o momento do seu surgimento a literatura progressista de Angola foi um pregoeiro combativo das ideias de libertação nacional. Das páginas dos primeiros jornais angolanos da segunda metade do século passado até aos boletins informativos revolucionários dos nossos dias, editados pelo Movimento Popular de Libertação de Angola que dirige a luta armada do povo contra os colonialistas portugueses, estão em suas publicações constantemente páginas das obras dos escritores angolanos cujo trabalho criador está intimamente ligado ao destino do povo.

É significativo e honroso o papel desempenhado pela literatura angolana na história do movimento de libertação nacional do país. No período quando as ideias libertadoras apenas começaram a penetrar no país da Europa onde naquela época se derrubavam troncos e se içavam bandeiras republicanas, os literatos angolanos eram os primeiros arautos das ideias de liberdade, primeiros porta-vozes das ideias de libertação nacional. As obras dos escritores angolanos daquela época desempenhavam o papel de organização e conseguindo despertar a autoconsciência social.

Mais tarde, no período da luta clandestina contra os colonialistas, os escritores angolanos aproveitaram a literatura como meio de dar conhecimento à opinião pública mundial da verdadeira situação do povo angolano, a fim de atingir o mais rápido possível a compensação mútua e a solidariedade. Então a literatura desempenhava a missão de desmascarar e acusar o colonialismo português. Finalmente, desde o começo da luta revolucionária popular a literatura passou a expressar a decisão inabalável do povo que enveredou o caminho para a liberdade. Agora a literatura cumpre tarefas honrosas de agitador e propagandista, serve de arma firme do povo em lutas, refletindo, como o espelho, a sua vida de combates.

Hoje as fileiras dos escritores eméritos angolanos tais como Agostinho Neto e António Jacinto - fundadores da literatura

tura nacional popular, são completadas por jovens escritores que também dedicam a sua vida e a sua criação à causa de libertação da sua pátria. Nas páginas desse colectâneo publicamos suas últimas obras.

Entre as obras que oferecemos à atenção dos nossos leitores figuram poesias do poeta angolano Agostinho Neto - presidente permanente do Movimento Popular de Libertação de Angola - vanguarda combativa do povo em luta; poesias do ardente patriota António Jacinto, prêso desde 1959 e até hoje permanecendo no campo de concentração; poesias e contos de jovens escritores, dedicados à luta heróica do povo angolano.

Dez anos passaram desde o dia em que Angola começou a luta libertadora contra os colonistas portugueses. E todos estes anos os escritores progressistas angolanos marcham nas primeiras filas dos combatentes pela liberdade, salvaguardando com armas e com suas palavras ardentes a causa sagrada de independência da sua Patria.

L. Nekrássova

DEPRESSA

Impaciente-me nesta mornez histórica
de esperas e de lentidão
quando apressadamente são assassinados os justos
quando as cadeias abarrotam de jovens
espremidos até à morte contra o muro da violência

Acabemos com esta mornez de palavras e de gestos
e sorrisos escondidos atras de capas de livros
e o resignado gesto bíblico
de oferecer a outra face

Inicie-se a acção vigorosa mascula inteligente
que responda dente por dente olho por olho
homem por homem
venha a acção vigorosa
do exército popular pela libertação dos homens
venham os furacões romper esta passividade

Soltem-se em catadupas as torrentes
vibrem em desgraças as florestas
venham temporais que arranquem as arvores pela raiz
e esmaguem tronco contra tronco

E vindimem folhagens e frutos
para derramar a seiva e os sucos sobre a terra húmida
e esborrache o inimigo sobre a terra pura
para que a maldade das suas visceras
fique para sempre aí plantada
como monumentos eternos dos monstros
a serem escarnecidos e maldiçoados por gerações
pelo povo martirizado durante cinco séculos.

Africa gloriosa
Africa das seculares injustiças
acumuladas neste peito efervescente e impaciente
onde choram os milhões de soldados
que não ganharam as batalhas
e se lamentam os solitários
que nao fizeram a harmonia numa luta unida

Atraia-se o raio sobre a arvore magestosa
para assustar os animais dos campos
e queimar a insantidade dos santos e dos preconceitos
rompa aos gritos a juventude da terra e dos corações
na irreverente certeza do amanhã nosso
apressando a libertação dos amarrados
(ao tronco escravagista)
aos torturados no cárcere
aos sacrificados no contrato
dos mortos pelo azorrague e pela palmatoria

dos ofendidos
dos que atraíçoam
e denunciam a propria patria

Não esperemos os herois
sejamos nós os herois
unindo as nossas vozes e os nossos braços
cada um no seu dever
e defendamos palmo a palmo a nossa terra
escorracemos o inimigo
e cantemos numa luta viva e heroica
desde ja
a independência real da nossa patria.

Agostinho Neto



Está sendo discutido o plano de operação

As negociações de paz entre
os revolucionários e o governo
de Havana continuam a ser
preocupantes para a população

QUEREM, MARCHAM E QUEREM

Não vivem recordações
que os fogos fatuos das lembranças
os afogam
nas severas medidas do contacto da realidade
que batem ao ritmo dos corações em fogo
que se agitam com todas as ansias removidas
que se erguem e marcham de braços cerrados e pernas firmes
de quantos chegam das encruzilhadas sem número da opressão
amassados de suor, lama e sangue e de angustias agitadas
que já não vivem recordações
queimam os pavilhões dos sonhos

querem
marcham e querem.

Queimam os pavilhões dos sonhos
empunham a metralha
para driver de liberdade
as matas, planuras e montanhas
carceres frios e sendas oprimidas

Empunham a metralha
e ao som das balas
crivar de realidade
todos os crepusculos e alvoradas suspensas

Querem
marcham e querem.

Nicolau Spencer

NO PRELUDIO DA VITORIA

Poderão passar-se as maiores
convulsões políticas do mundo
mas o processo de libertação
Dos homens, sera irreversível.
O povo angolano será livre!

O ar puro da madrugada que despontava, balançava a folhagem que conservava as formas misteriosas da noite. A savana ressequida recebia com avidez o orvalho da brisa matutina. O sol regressado de outros horizontes, acariciava com ternura o Continente Africano, onde espalha com maior intensidade o êxtase do seu amor! O sol, cujos raios são miríades de tonalidades, começa a descobri-nos a terra, oferecendo-nos um espectáculo indescrevível de sonho, em cada aurora.

Assim, nos encontramos os seus tentáculos de luz, guiando os Heróis Angolanos pelos atalhos da floresta. São cinco da manhã. A vida já começara ha muito na Base C. O rio, em serpenteados, murmura encorajante, ofertando-se em recompensa aos Camaradas que habitam a sua margem. Dele bebem a água pura da manhã, e nele refrescam os corpos, antes de partirem em missões - alguns para não mais sentirem a carícia do rio, e o rio para não mais sentir a sua presença!

O tempo das chuvas aproxima-se. As escolas do Centro de Instrução Revolucionária recommencaram para as crianças —pioneiros da futura sociedade angolana—, interrompidas na época seca, e permitindo assim a algumas delas, de habitarem com as famílias, durante este período. Esta é a altura em que o inimigo tenta desalojar os guerreiros das posições ja conquistadas.

NGANGULA era um destes adolescentes que tinha ido passar esta estação do ano em casa, junto dos pais. Ele regressava na manhã transparente e cheia de promessas, contente porque vinha de novo para junto dos Camaradas do M.P.L.A., que lhe tinham ensinado a ler e a conhecer a sua terra, incutindo-lhe o amor pela liberdade nos seus anseios de jovem pioneiro. NGANGULA caminhava cauteloso, pois o inimigo dissimula-se no ondulado da terra e por entre as ervas ressequidas. Ele sorvia as lufadas de ar que as folhas lhe enviavam, nos seus passos de menino gigante, precoce, ultrapassando o tempo. E ele ia pensando: "Quando chegar à Base, tenho de transmitir imediatamente aos Camaradas Responsáveis as posições do inimigo, o desejo ardente que o povo demonstrou de lutar nas fileiras do nosso M.P.L.A., querendo contribuir por todos os meios para a nossa libertação total, do jugo do colonialismo.

E ele sorria, na sua percepção intuitiva, do trabalho maravilhoso da Vanguarda do povo angolano, ao criar uma consciência Nacional, levando homens que viveram durante séculos à margem da evolução humana —forçados pelo colonialismo a permanecerem no obscurantismo— cujos horizontes dificilmente atravessaram as barreiras tribais, explorado este estadio, já ultrapassado pela maior parte dos povos do mundo, no interesse do colonialismo, a caminharem em frente, com o mesmo objectivo e politicamente estruturados.

No espírito do jovem NGANGULA, formava-se uma mentalidade nova, impregnada pela ânsia da realização humana, na fusão de culturas e de Humanismo, que o vento sopra nas suas asas brancas, fecundadas pela contribuição dos valores Universais.

Sim, ele pensava: "Eu serei um guerrilheiro exemplar, ajudarei o meu povo a ser livre e feliz, e honrarei a memória dos meus irmãos, caídos para que eu, NGANGULA, pos-

sa aprender a ler, possa conhecer as nascentes dos rios, a composição da água, o fenómeno do verde das savanas, o crescer e o decrescer das marés nos oceanos do mundo, E possa desmascarar a ignorância das lendas dos crocodilos feiticeiros, as lendas dos jacarés, como deuses de fertilidade, e o arrastar das canoas pelas torrentes caudalosas.

Com alegria trara NGANGULA o seu saco com os Livros queridos, feitos pelos professores do M.P.L.A.! Os seus livros onde tinha aprendido a conhecer o que se tinha passado na sua Patria, desde a chegada dos colonialistas, vindos como falsos amigos, pretendendo trazer a fé cristã, como baluarte de justiça entre os homens, à escravidão, às revoltas dos escravos, alguns dos quais saltaram das galés para continuarem a ser livres! As revoltas e as insubmissões constantes do povo angolano através destes cinco séculos de domínio colonial, as deportações para o deserto de Moçâmedes dos líderes que pretenderam organizar a insurreição geral, nos princípios deste século, e finalmente a eclosão da luta armada, em 1961!

Os seus livros, onde ele aprendeu a conhecer outros continentes, outras raças, além da europeia e da africana, as lutas através dos séculos, dos homens, para se libertarem do jugo dos outros homens. Os grandes feitos da Humanidade, vencendo e descobrindo a Natureza: a contribuição dos Heróis do Universo para o progresso e a harmonia de todos os Seres da terra!

Ele caminhava tentando vencer rapidamente os quilómetros que ainda lhe faltavam. É difícil, na savana, passar despercebido, sobretudo na estação seca, quando a pujança do capim se transformou em tristes hastes secas. Nesse momento, parece que a terra se combina com o inimigo, pondo tudo a descoberto! NGANGULA devia ser muito cauteloso, antes de se poder dissimular no entrelaçado dos

arbustos, anunciadores da floresta. Mas ele todavis, continua a caminhar com o rosto iluminado por uma consciên-
cia pura. Os pés doloridos começam a sentir o cansaço re-
sultante da longa caminhada, e apetece-lhe descansar um
pouco, mas lembra-se que deve chegar à Base o mais rabi-
do possível, porque o inimigo, segundo informações que
traz do povo, sabe que o M.P.L.A. tem uma Base Logística
por estes sítios e tentou corromper elementos da popula-
ção menos esclarecidos, para destruir todo o trabalho de
politização da vanguarda do nosso povo, e consequentemen-
te os nossos centros de guerrilha mais importantes. NGAN-
GULA pensa que, custe o que custar, ele deve chegar jun-
to dos guerrilheiros antes do inimigo, para lhes salvar a
vida. Desta forma, abafa a dor e o cansaço que a marcha
de dezenas de quilómetros lhe produz. Ele caminha, procu-
rando esconder-se por entre tufos de capim que resistiram
à seca, curvando-se e ondulando diferenciar com as ervas,
escutando os menores ruidos suspeitos, tentando o bilar das
folhas feito por maos humanas, do remexer produzido pela
brisa matutina; tentado diferenciar o rastejar dos rép-
teis do rastejar dos homens.

Ele vai qual bambi puro que saltita de obstaculo em
obstáculo, sempre atento, temendo a cada instante o peri-
go!

Ja se avista ao longo o ondulado das colinas, e aqui
e ali disseminados alguns arbustos, pioneiros da floresta
acolhedora. Para além delas está o rio, cintilante como
pedra transparente no centro do vale. O aproximar do fim
de caminhada dá-lhe novas energias e êle acelera o pas-
so, consciente de que tem de cumprir o seu dever!

Porém, de repente, ouve um ruido estranho, e instin-
tivamente tenta fugir; mas um soldado que estava dissimu-
lado no capim, ergue-se repentinamente, e de arma em pun-
ho, grita-lhe:

- Alto! Nem mais um passo!

Logo a seguir, ele vê-se rodeado por um grupo de inimigos armados até aos dentes, que o olham com ar de desafio. A primeira coisa que lhe fazem é revistar-lhe o saco, onde com tanto carinho, guardava os livros escolares.

Os soldados enfurecidos, ao verem o conteúdo dos livros, fazem-lhe as perguntas mais disparres.

- Onde vais tu, miudo? Quem te deu estes livros? Foram os terroristas, não é? Ah! Tu ias na escola, então sabes bem o caminho e vais guiar-nos até lá! Muito bem! Como se chamam os cabecilhas? O que fazem vocês lá no meio dos bandidos? Ias na escola aprender as tais aulas políticas, onde vos ensinam o terrorismo, que Angola é dos Angolanos, e que os portugueses têm de se ir embora, etc..., etc... Eles vão já ver! Vamos, responde, ou verás como é!

NGANGULA permanecê calado, os olhos fitando os seus algozes, o que lhe vale uma torrente de bofetadas.

- Responde, ou cortamos-te aos bocados!

Mas a todos os insultos e perguntas, permanece calado. No seu olhar não há o medo pela morte. Ele sabe que isso poderia acontecer, que acontece cada dia a muitos Camaradas, que ofertam o seu sangue pela liberdade da Patria. Que atravessam os pântanos com a água a dar-lhes até ao pescoço, que atravessam os rios, infestados pelos monstros fluviais, e que nada os detém, nem o perigo, nem o cansaço, nem a sub-alimentação, nem o poderio da NATO! Eles vão pela reconquista da Liberdade, perdida desde há séculos.

Ele aprendeu deles a permanecer firme nos momentos do perigo, e sê-lo-á até ao fim, e mesmo que o cortem aos bocados, não tarirá, não denunciara a Base, os Camaradas!

Esta atitude de firmeza exaspera os homens drogados do exército colonialista. As bofetadas e os pontapés chegam de todos os lados! O rosto do menino, feito homem precocemente, começa a deformar-se! O sangue sai em jorros, pela boca, pelos ouvidos, pelos olhos! O seu olhar perde a limpidez da aurora.

Então os soldados enfurecidos por tanta firmeza e dignidade, pegam num machado e golpeiam, rindo-se como loucos, do estremecer do corpo nas convulsões da agonia! E só param quando um grito imenso de despedida, ressoando pelas colinas banhadas de luz, imobiliza para sempre o seu corpo de Herói!

Os algozes entreolham-se, e cospem enojados de si mesmos! E afastam-se, sem dizer palavra, deixando o corpo no local do crime. Eles vão à caça de algum acontecimento que lhes dê azo a explodir a raiva onde os mergulha esta guerra monstruosa.

E procuram na bebida afastar o grito da consciência que se revolta contra a ignomínia. Muitos deles, por cobardia, deixam-se arrastar nesse mar de desonra.

O dia passou. O corpo do menino permaneceu a descoberto, sob a folhagem do arbusto onde foi morto. Os pássaros assustados, saltam de galho em galho, e de mansinho, cautelosamente, vêm debruçar-se sobre o seu rosto; então, vendo a rigidez da morte, entoam cânticos de tristeza e ficam velando o menino até à chegada dos Camaradas. O céu contristado cobriu-se de nuvens grossas e uma chuva torrencial banhou a terra. E o vento chorou a crueldade dos homens.

No dia seguinte, os guerrilheiros em missão de reconhecimento, encontraram o corpo mutilado do Pioneiro NGANGULA, que com tanto ardor tinham modelado. Eles ouviram do povo a horrenda história que tivera sido contada

pelos soldados embriagados. E embora vendo frequentemente a morte levar-lhes os que mais amam, eles estremece-ram ao olhar o corpo da criança, horrivelmente massacra-do! E com os olhos molhados pela dor, juraram vingar o Menino Homem, o Menino que conscientemente ofereceu a vida.

Junto a NGANGULA, um tufo de capim verde crescia, banhado pelo sangue rubro de Herói, Menino Precoce, que ficara para sempre na História de Libertação do seu Po-vo.

Eugénia Neto

ORDÉM DE SERVIÇO Nº 13/69

O Comité Director do M.P.L.A. louva póstumamente o Pioneiro de nome AUGUSTO NGANGULA, que foi morto à macha-dada, no dia 1 de Dezembro de 1968, quando se deslocava da sua aldeia para uma das escolas do M.P.L.A. No percur-so, foi detectado pelos soldados portugueses que queriam obrigá-lo a mostrar não só o lugar da escola, mas também uma das bases do M.P.L.A., sob ameaça de morte. O pioneiro, que contava apenas 12 anos de idade, mas para quem a palav-ra de ordem do M.P.L.A. "VITÓRIA OU MORTE" tinha o seu verdadeiro significado, resolveu antes aceitar a morte do que indicar aos inimigos as bases do M.P.L.A. A coragem do Pioneiro do M.P.L.A. AUGUSTO NGANGULA e a sua firmeza, são um exemplo que deve ser seguido por todos os pioneiros, jovens, mulheres, homens e velhos de Angola.

Pela sua coragem e dedicação à luta da sua Pátria, o Comité Director do M.P.L.A. decidiu conceder póstumamente ao Pioneiro AUGUSTO NGANGULA o título de PIONEIRO HERÓICO DO M.P.L.A.

A VITÓRIA É CERTA!

O COMITÉ DIRECTOR DO M.P.L.A.

Angola
3/3/69



Jovem combatente do M.P.L.A.

OS LOBOS DO VENTO

Lá longe, onde o planalto do Huambo vaidosamente desemboca para abrir novos rumos e segredos sem fim da antiguidade das chanas sem fim, das savanas alegres, fica o nosso querido Dilolo, lago legendário de há mil anos, lago que toda gente, - dos heróis da velha Lunda nos combates contra a invasão colonial portuguesa até a nova geração respeita e dedica o maior carinho e amor.

Dilolo tem seu lugar entre as coisas mais bonitas da minha Terra, Dilolo tem sua presse e seus servidores. Escondido entre colinas, entre arvores e capim acompanha durante o dia pelos cantos de amor dos paisanos sem nome, imortalizado nos sussurros de pena do grande Zambere e cantado como pulmões cheios pelo Cunene e também Cassai, Dilolo é uma pérola, é uma joia tão rara no nosso Leste, é qualquer coisa raríssima entre as coisas, e é mais belo ainda quando espelha o velho das cabanas feitas de capim e de barro monstrado a pobreza mas também a valentia, os sonhos e a certeza dos homens.

Dilolo não é só um lago para os seus habitantes. Ele é um mestre, um espelho dos dias do porvir. Como ontem, hoje e amanhã construirá a beleza e reforçará a certeza de cada homem.

Ontem, junto do Dilolo, só os suspiros dos partidos homens se sentiam, o imbondeiro saliente, também queria espelhar-se no dorso dele, mostrando os seus ramos gordos qual um elefante velho, e suas mucuas verdes, como palavra de um velho amor, mas, tão cedo tornaramos castanhas e sem já resistência cediamos nos braços amenos do calmo Dilolo. E ainda ontem, tudo era calmo, todos e tudo sorria, as crianças queriam ouvir as suas lendas e secretamente iam perguntá-lo, contavam o que pensam, os enamorados

perquantavam-no se o amor era verdadeiro e longo, as mães, se os filhos voltarão do contrato, e os homens renascidos da valentia e dos suspiros dos antepassados, também suspiravam com olhos postos no futuro, com a certeza em cada mão.

E então, quando o momento chegou, todos e tudo foram na guerra, foram para guerra e estão na guerra. E nas margens do lago, foi o berço de inúmeras bases guerrilheiras.

Agora é guerra! - a vida tem que correr com os movimentos dos ponteiros do relógio do Comandante. Tudo estava pronto para ripostar qualquer eventualidade. Homens, mulheres e crianças dedicavam-se às tarefas diárias, sempre prontos e vigilantes, com os olhos fitos no resultado do Poder criador do Homem, na transformação de tudo para o bem e o progresso do Movimento e do Homem.

Nesse dia, os homens não puderam observar a mudança das tunicas do Sol, ainda trazia o seu fato matinal quando não muito longe ouviu-se o uivar frio dos aviões casados com crimes.

- Chegaram os madrugadores da civilização Ocidental, observou alguém, enquanto mirava para o horizonte lançando um sorriso nos lábios.

Tempo depois, um autêntico enxame de aviões se descortinou, e tudo ficou atrofiado, incluído naquele movimento.

Bombas caindo, terra voando, animais fugindo desorientadamente em busca de refúgio. Muitos não terão a sorte de encontrar, muitos preferirão lançar-se nos rios e muitos fugirão para sempre. Só as serpentes e cobras render-se-ão, enquanto os macacos e chimpanzés depositam mais do que nunca esperanças no primeiro tiro que sair, para, com os guerrilheiros e as Populações, observarem depois os restos mortais do avião e dos cadáveres, des-

feitos em troca de dinheiro...

- Aos abrigos! Cobertura e defesa do ar! - ordenava o Comandante, enquanto localizava o movimento dos aviões.

- Pioneiros, à retaguarda, dispersão e aos abrigos a população, - prosseguiu ele.

Em pouco tempo, tudo estava preparado e nos seus devidos lugares.

Porém, o enxame progredia mais e mais, - casa, gado, objectos de valor, - tudo em fogo e cinzas...

Muinga, pioneiro activo, não pôde estar no abrigo, pois não queria deixar seus camaradas, sós, enfrentarem os lobos famintos do ar daquela manhã criança.

- Tenho de estar com os camaradas, disse ele de si para si e, sem mais perder tempo, apanhando a primeira oportunidade juntou-se aos camaradas, aqueles que lhe ensinaram amar a sua Patria, que lhe ensinaram a beleza e os mistérios da terra, as riquezas, a cultura, os Povos, aqueles que defendiam o Povo, aqueles para os quais a vida pertence ao Povo e à Nação.

Muinga, junto dos camaradas, acompanhando os movimentos da bateria antiaérea, encostado a uma árvore, pensava:

- Verei cair em chamas o avião pirata, e, se possível for, perguntarei aos ocupantes por que assim fazem na nossa amada Terra, a nossa aldeia, herança dos nossos antepassados, meu berço sem igual no Mundo, minha alegria e honra, guarda do nosso maravilhosíssimo Dilolo, e dilos-ei honestamente:

Nela vive um Povo como os outros do Mundo inteiro, ele aspira somente à Liberdade, - condição única de sermos Homens respeitados, termos voz no Mundo, senhores dos nossos destinos. O meu Povo, na sua longa e ancestral história nunca cobiçou nem já um milímetro quadrado da terra alheia, nunca matou nem mandou matar outros Povos,

nunca invadiu, nunca aterrorizou, nunca... - o pensamento ficou-lhe apenas por reproduzir quando ouviu a voz do "foogoo" do Comandante, e, da DCA despregar-se um obus e um avião tombar, para mudar o pensamento numa voz que ecoou tão longe, que se confundiu com o barulho dos motores dos aviões para correr do local e levar a todos, - A VITÓRIA É CERTA!

Os outros aviões fugiram, desapareceram do ar, fizeram uma volta sem pensar no que sucedera com os outros. - Cada um por si, o mundo é para quem tem força e Deus, este bom e Santo Deus para todos!...

Nos arredores, só fogo e cinza, olhares interrogativos dos animais e das coisas.

Eles voltarão, depois de o álcool renovar as suas células de homens viciados e assassinos, depois de lhes aumentar o salário e mais promessas...

Esquecer-se-ão dos companheiros!

Eles voltarão, e o destino que lhes reserva é igual...

Uns fugirão cobardemente, os mais prudentes despirão a farda, alguns suicidar-se-ão, e ainda outros, os mais teimosos e convictos, tombarão ifalivelmente na cilada que os defensores do Povo tecerão.

Eles uivam quando atacam, e uivam quando são acoçados, tal como os lobos.

Na realidade, eles não são mais do que uns lobos famintos do vento.

Eles são lobos do ar!

AO ATAQUE, CAMARADAS !

Garcia Bires

AOS PIONEIROS DE ANGOLA

— Que vos darei eu, neste Natal?

Vejo os vossos olhos de ânsias repletos
mãos abertas vejo-as, esperando dádivas.
Sei que não querereis brinquedos de alto valor,
nem bolos de Natal enfeitando a mesa pobre
ou castanhas, nozes enchendo as mãos vazias vossas.

Ânsias vossas são sonhos irrealizáveis no momento,
Mãos abertas não esperam dádivas como no passado.
Pelo menos um chi-coração dos mais queridos entes,
um aperto de mão esperais, porque é humano...
Eu, nada tenho!

Trago calos nas mãos minhas
calos nascidos do trabalho barato e sem intervalo
calos que são fotografias do colonialismo e miséria.
Trago os lábios secos e o estômago vazio,
com o sangue meu circula o cheiro da pólvora
nos músculos e no Querer, a força de avançar mais e mais.
Mas, aqui tenho apreciáveis prendas, Kudianguelas amigos.
Neste Natal,

trar-vos-ei uma espingarda com muitas balas,
também duas, três, quatro granadas,
uma PM 44, — arma do 'Ngambela amigo.
Teremos então o nosso Natal com muitas árvores de Natal
no longo da estrada onde faremos a emboscada.
O sol, será as nossas velas,
o tiroteio, será as palmas e vozes dum Natal Feliz.
Se quiserdes de mim prendas,
levar-vos-ei um laço verde,
como vós sois Esperanças ainda no verde ocultas,
também uma fita feita de lianas
amarrando as armas recuperadas.
Esta,
é a prenda mais cara que Vós oferecerei, Kudianguelas ami-
gos,
Para que o proximo Natal passemos no lar nosso,
todos debaixo do mesmo tecto,
num lar Alegre,
— isto é, numa Angola Livre.

Garcia Bires

O POVO FOI NA GUERRA

Na esteira,
Banhada de sombra,
Com que mafumeira corta o sol,
Mãe Lemba,
Perdida em presentes recordações
Do marido ausente,
Põe cafuné no filho
(Kamona ka Kaianga está chorar).

Kaianga foi na guerra,
Kaianga foi na guerra...

Sanzala solitária,
Claros e escuros brincando
Silentes entre as palhotas,
Crianças dormindo,
Velhos pensando,
Mulheres recordando,
Cães ófegos sedentes
Moscas monturando
Na capopa fios d'agua xicujuquentes
Ausencia do homem operando vida.

O sol aquece uma geral interrogação:
O Povo foi na guerra,
O Povo foi na guerra,
Quando vai voltar?

Nem asa corta caniculento céu...

Kaianga foi na guerra,
Kaianga foi na guerra,
Não sei se vai voltar.

O Povo foi na guerra,
O Povo foi na guerra...

Eu sei: o Povo vai voltar!

António Jacinto

JURAMENTO

Colunas imponentes de mármore
a manterem as enormes paredes rosadas!
E tu a elas encostado e por nós rodeado
falavas-nos da actividade clandestina.

Liceu...

Aqui se passou parte da nossa Juventude!
Aqui começamos a aprender a vida!...

Tu, símbolo e exemplo de sacrifício e dedicação
encostado a esses pilares enormes
mantinhas teu livro aberto e o panfleto,
que na véspera, sob perigo de morte tinhas distribuído.

Recordo-me:

as tuas botas, então raras
os teus olhos vivos, cintilantes, inteligentes,
o teu rosto baixo e elegante, enfim,
recordo o Zé Mendes

hoje HOJI IA HENDA.

Hoje tu deixaste de existir...
tu morreste,
derramaste teu sangue precioso
para a libertação da tua Pátria Querida!

Para que teu Povo seja Livre.

Mas, tu, Hoji ia HENDA,
tu continuas vivo, — mais vivo que os vivos
mostrando o caminho que nos leva lenta,
mas irreversivelmente à VITÓRIA
porque o teu nome e os teus feitos estão hoje
em letras de sangue gravados na História do teu Povo!

E agora, HOJI IA HENDRA
eu e todos os teus companheiros
juramos pelas tuas cinzas
que teu sangue será vingado
porque o colonialismo será vencido.

E inspirados no teu espírito
NÓS LUTAREMOS ATÉ A VITÓRIA FINAL.

Pedro de Castro Van-Dunem

14 DE ABRIL

Kissanges de vento chorando
Flores sem nome murchando
Chanas de Abril secando
14 de Abril, Comandante!

São guerrilheiros marchando
São pioneiros cantando
Flores sem nome desabrochando
Kissanges de vento tocando
marchando em frente e cantando
cantando em frente marchando
14 de Abril, Comandante!

Da voz da terra sangrando
Hoji ia Henda avançando
Filho do Povo marchando
Com o Povo inteiro avançando
14 de Abril, Comandante!

Pioneiros em frente cantando
Cantando em frente e marchando
marchando em frente e cantando
Guerrilheiros de Henda marchando
Marchando em frente e cantando
Marchando, marchando e cantando
Marchando, cantando e vencendo
14 de Abril, Comandante!

Costa Andrade.

PROCURO UM LEÃO

Ando à procura de um Leão
que não seja muito grande,
que seja terrível na luta,
que o temam e o amem.

Quero fazer o retrato de um Leão
de olhar doce,
de sorriso franco,
um Leão alegre,
sem reservas.
Um Leão imenso,
no seu amor.

Chamá-lo-ei
HOJI IA HENDA.

Procuo um Leão
um Leão generoso
que divide o seu pão
e que dá a Vida.

Procuo um Leão
duro e implacável
com os seus inimigos...
Esse Leão
doce e Humano
Amigo e simples.

Chamá-lo-ei
HOJI IA HENDA.

Ai Angola!
Ai Angola!...
Um ano passou...
de quanto tempo precisas
para gerares outro igual?
Um ano já passou...
Ai Angola!

Ando à procura de um Leão
que sorria da derrota,
com tanta fé na Vitória.

Procuo um Leão
que seja temerario
um Leão amado
um Leão temido.

Chamá-lo-ei
HOJI IA HENDA.

Hei-de procurá-lo
 na terra
 procurá-lo no mar
 procurá-lo nos rios
 procurá-lo nas chanas
Hei-de enconchá-lo em Angola,
farei o seu retrato,
chamá-lo-ei

HOJI IA HENDA

Rui de Matos



Hoji Ia Henda - Comandante em chefe das tropas do M.P.L.A. Pereceu 14 de Abril de 1968, durante o assalto da fortaleza de Caripande. Pela decisão do M.P.L.A. Hoji Ia Henda foi postumamente condecorado pelo titulo honorífico de "Filho querido do povo angolano e combatente heróico do M.P.L.A.". Segundo a decisão da F.M.J.D. dia 14 Abril foi proclamado de "Dia da Juventude de Angola".

NÃO CHORAREMOS POIS OS MORTOS!

Não falarei dos que necessariamente tombam durante a luta.

Sobre a terra que te cobre
Camarada

Não deitaremos prantos
nem flores

A libertação da Pátria necessita de sangue

Sobre a terra que te cobre
Camarada

Deixaremos brincar as crianças
com suas espingardas de pau
com suas espingardas de pau

A libertação da Pátria necessita de sangue
Do sangue dos seus melhores filhos

Deixaremos brincar as crianças.
Deixaremos que os pés endurecidos
das duras caminhadas
sem fim

Passem sobre a terra que te cobre
Camarada

e sigam o caminho
das lavras
onde cresce o milho
e a mandioca.

Deixaremos que os pés endurecidos
das duras caminhadas
sem fim

passem sobre a terra que te cobre
Camarada

A libertação da Pátria necessita de sangue
Do sangue dos seus melhores filhos

Deixaremos que o vento sopra.

Deixaremos crescer o capim
alto

da altura da savana.

Deixaremos que as chuvas caiam.

Deixaremos que as chuvas caiam
e que da terra que te cobre

Camarada
saia esse cheiro bom
e quente

esse cheiro livre
que é o cheiro da terra húmida
que é o cheiro da terra fértil.

A libertação da Pátria necessita de sangue
Do sangue dos seus melhores filhos

Sobre a terra que te cobre
Camarada
Deixaremos brincar as crianças.
Deixaremos que os pés endurecidos
das duras caminhadas
sem fim

passem sobre a terra que te cobre
Camarada.
Deixaremos que o vento sopra.
Deixaremos crescer o capim
alto
da altura da savana.

Deixaremos que as chuvas caiam.

Sobre a terra que te cobre
Camarada

Não deitaremos prantos
nem flores.

Sobre a terra que te cobre
Camarada

tomaremos o exemplo
do teu heroísmo
do teu valor
para avançarmos
o mais possível
o mais rapidamente possível

e,
assim,

tornarmos o teu heroísmo
útil
para o nosso povo

Sobre a terra que te cobre
Camarada

Não falarei
dos que necessariamente tombam
durante a luta

Não falarei
Camarada!

Mas sobre a terra que te cobre
Camarada

grande,
da grandeza imensa
da libertação de Angola
a cada hora
a cada instante

lançarei o grito
 o grito
que foi o teu último grito
e que ressoou
nos corações
dos camaradas
que atacavam
 contigo
o ultimo quartel inimigo
 que destruíste,
 o grito
que foi o teu último grito
e que ressoou
no terror
daqueles
que julgaram
te terem morto,
 o grito
que foi o teu último grito
e que ressoou
na imensidão da terra
e levantou milhares
de outros gritos
iguais ao teu.

A cada hora
a cada instante
lançarei o grito
 o grito
que foi o teu último grito

Helder Neto

POEMA QUINTO DE UM CANTO
DE ACUSAÇÃO

Mãe que ainda tens um filho vivo
já basta de chorar!

(por quanto tempo hão-de chorar ainda as mães?)

Já basta de chorar.
(Por quanto tempo a terra há-de sentir ainda
o frio dos seus corpos?)

Não chores mais, Mãe que tens um filho vivo ou morto
É tempo de contar as horas
de erguer os ombros
de não sentir o peso da morte.

Já basta de chorar.

Quando as flores vermelhas dos meus olhos fixos
forem o vermelho vivo
das chagas do meu povo
será próximo o fim.

Não quero que perdoes, Mãe
Não quero, companheiros,
uma amizade falsa e construída
em nome de leis de história ou de ambições que hoje nos
matam.

Não! Não quero, companheiros.
50.000 caídos no início
não são paz

50.000 caídos
não são condicionáveis.

Já basta de chorar, oh, Mãe

A vida só renasce doutra vida.

Costa Andrade

POEMA SEXTO DE UM CANTO
DE ACUSAÇÃO

Xaro
tu serás a minha Angola de amanhã nos teus olhos tropicais
a existência de homens livres como aves abrindo novos cantos

Xaro
tu seras a chuva fecundando as sementes
que as mãos do povo lançaram sobre os campos
num grito de revolta
num grito de criar
em poemas da cor das minhas veias mais rasgadas

Tu serás a mãe
sorrindo a mil crianças
que não-de colher os frutos da queda destes homens misturados ao estertor das ingombotas
serás a bandeira de um poema de Jacinto sacudindo e levantando a terra morta
que renasce das lágrimas das mães e das esposas

Serás
porque tu amas e choras, noiva impedida de estar junto de mim
porque tu amas e te revoltas, africana, das tuas ilhas creoulas
porque tu amas e acusas, voz do povo que te percorre as veias
em tuas lágrimas
nos refúgios
nos capinzais
no Congo
nas florestas destruídas pelas bombas
em cada pensamento para mim
a alimentar esta vontade de lutar e de viver
o peito aos assassinos
às mulembas o gesto das estrelas no céu da minha terra

Tu serás
porque não pode ser em vão
o pão das tuas lágrimas
o hino das tuas lágrimas
o sangue das tuas lágrimas
a bandeira das tuas lágrimas
nem o cristal dos olhos secos
com que vejo esta paisagem
indecisas palmadas sobre os ombros fingindo fraternidade: Coragem!
Nem o cristal dos olhos secos

nem o cristal dos olhos secos de todos os homens da minha terra
nem as palavras que ficaram por dizer no decepar das
baiontas opressoras
nem a neve destas pátrias de neve do exílio

Tu serás
para que o pão seja pão deveras e não lágrimas
para que o pão que agora recebemos não tenha mais o sabor
de um compromisso
e os abraços, o eco metálico de um empréstimo durável

Tu serás
para que amanhã o nosso lar seja de flores
portas à luz
e ritmos
ritmos bubi de Fernando Póo

Tu serás
Depois venham
venham companheiros de todas as nações
meus braços terão o calor dos musseques agora arrefecidos
as quifufutilas os funjes e os cajus dos meus avos para
vos dar
mas sinceros e abertos como o som das camussetas
acolhedores como as palmeiras e os dongos ao luar
venham e vejam que o sonho de ser livre
conquistado
vos envergonha do apoio repensado que nos dais.

Tu serás Xaro
tu serás
mas que o pão das tuas lágrimas
que o não conheçam nunca as bocas que há no mundo
que o não conheçam os meninos que não brincam com brin-
quedos de pau sesse
que o não conheçam os meninos que têm cada ano Pai Natal
que o não conheçam
que o não conheçam

Saibam apenas que seremos
e somos já
a pátria angolana renascendo dia a dia
nas lágrimas no sangue e no amor
desta luta abnegada pela vida.

Costa Andrade



despues de pagar el impuesto de sucesion
 pago a mi hijo un regalo.

Tramo, etc. con el
 cuando se va
 — de grillos de madera —
 a unidos y
 a vida irrefragable.

MAOS ESCULTURAIAS

Além deste olhar vencido
cheio dos mares negreiros
fatigado
e das cadeias aterradoras que envolvem lares
além da silhueta magica das figuras
nocturnas
após cansaços em outros continentes dentro de África

Além desta África
de mosquitos
e feitiços sentinelas
de almas negras mistério orlado de sorrisos brancos
adentro das caridades que exploram e das medicinas que
matam

Além África dos atrasos seculares
em corações tristes

Eu vejo
as mãos exculturais
dum povo eternizado nos mitos
inventados nas terras áridas da dominação
as mãos esculturais dum povo que constrói
sob o peso do que fabrica para se destruir

Eu vejo além África
amor brotando virgem em cada boca
em lianas invencíveis da vida espontânea
e as mãos esculturais entre si ligadas
contra as catadupas demolidoras do antigo

Além deste cansaço em outros continentes
a África viva
sinto-a nas mãos esculturais dos fortes que são povo
e rosas e pão
e futuro.

Agostinho Neto

POEMA DE AMOR

Quando eu voltar a ver a luz do sol que me negam
amor
iremos
de paz vestidos
entretecer um sorriso de flores e frutos
abraçados
por caminhos — serpentes ágeis
entre cafézais e muxitos
trepando dos montes as estrelas
e aos sonhos cintilantes
iremos
cantando também, cantando
todas as canções que sabemos e não sabemos.

Quando eu voltar a ver a luz do sol que me negam
amor
iremos
pois iremos breve chorar
nas sepulturas sem fim dos homens sem fim
que partiram assim
sem óbito nem kombaditokua

sem a esperança da luz do sol que nos negam

iremos, amor
dizer-lhes
voltei e voltamos
porque nos amamos
e amamos
as sepulturas sem fim dos homens sem fim.

Quando eu voltar a ver a luz do sol que me negam
lábaros erguidos:
— a liberdade é um fruto da colheita —
amor
iremos
colher maçarocas e cores
aos mortos ofertar ressurreição e flores
aos vivos a pujança da nossa vida
amor
iremos
desenhar no papel celeste um arco-íris
para o nosso filho brincar.

Iremos, sim, amor iremos
quando eu voltar
— as grilhetas desfeitas —
e unidos faremos,
a vida irrefragável medrar

na dádiva serena das colheitas
no pipilar dos pássaros maravilhados
no caminhar dos homens regressados
nos hossanas das chuvas na terra renascida
nos confiantes passos da gente decidida
Amor.

Vestira a terra fimbria de nova cor
de beijos e sorrisos a vida teceremos
e entre algodoais sem fim
e batuques do álaçre festim

iremos
Amor!

Antonio Jacinto

Publicado pelo Comité das
Organizações Juvenis da URSS

ARQUIVO L. LARA

0473
Ac-01